

Carta Mensal

Abril 2026

"Esta é a maior emergência de segurança energética global da história."

- Fatih Birol, Diretor Executivo da IEA,
março de 2026

O Dia em que Ormuz Fechou

Em 28 de fevereiro de 2026, às 04h da manhã (horário de Brasília), os Estados Unidos e Israel lançaram a maior operação aérea combinada do século XXI contra o Irã. A Operação Epic Fury, não foi apenas mais uma troca de golpes no Oriente Médio. Foi um ponto de inflexão histórico: o Aiatolá Ali Khamenei estava morto, três décadas de deterrência nuclear se transformavam em fumaça sobre Teerã, e o Estreito de Ormuz, a artéria pela qual passa 20% do petróleo e 20% do GNL (Gás Natural Liquefeito) que move o mundo, estava, na prática, fechado.

Esta carta não é sobre geopolítica por amor à geopolítica. É sobre o que esse conflito significa para a economia global, para os mercados financeiros e especialmente para o Brasil. Vamos aos fatos.

Tudo começa em junho de 2025. A Operação Rising Lion, conduzida por Israel com apoio americano, destruiu as instalações nucleares do Irã em Natanz, Fordow e Isfahan. Foi a 'Guerra dos 12 Dias', encerrada com cessar-fogo mediado por Omã em 24 de junho de 2025. O Irã reconheceu danos, mas sobreviveu. Negociações nucleares indiretas recomeçaram em Genebra, em fevereiro de 2026, com 'progresso significativo', segundo o mediador omanense.

Então, em 28 de fevereiro de 2026, enquanto as negociações ainda corriam, EUA e Israel atacaram novamente. Desta vez, o alvo não era só o programa nuclear: era a liderança suprema. Khamenei foi morto nas primeiras horas, junto com membros de sua família e dezenas de oficiais do IRGC (Guarda Revolucionária do Irã). Trump declarou guerra pelo '*regime change*'. Em 4 de março, o Irã declarou o Estreito de Ormuz fechado para navios de países ocidentais aliados dos EUA e de Israel. Em 8 de março, o Brent cruzou US\$ 100/barril pela primeira vez em quatro anos. **A crise energética mais grave da história moderna havia começado.**

Alvos militares

A tabela abaixo resume os principais alvos atingidos pelas partes no conflito, com base em fontes abertas verificadas (IDF, Pentágono, IAEA, Hengaw, CSIS):

Ator	Alvo	Tipo	Status
EUA + Israel	Natanz (Irã)	Enriquecimento Urânio	Destruído (jun/2025 + mar/2026)
EUA + Israel	Fordow (Irã)	Enriquecimento Urânio subterrâneo	Largamente destruído (jun/2025)
EUA + Israel	Isfahan (Irã)	Processamento Urânio	Destruído (jun/2025)
EUA + Israel	Parchin/Taleghan 2	Testes explosivos nucleares	Atacado (fev/2026)
EUA + Israel	Liderança IRGC/Gov	Decapitação – Khamenei + oficiais	Khamenei morto (28/fev/2026)
EUA + Israel	Ilha de Kharg	Terminal exportação petróleo	Atingido parcialmente
EUA + Israel	Infra militar Irã	Lançadores mísseis, SAMs, radares	~75% lançadores destruídos
Irã	Cidades israelenses	Mísseis balísticos + cluster munition	~300 mísseis em 10 dias
Irã	Bases EUA (Golfo)	Kuwait, Qatar, UAE, Bahrein, Jordânia	6 soldados americanos mortos
Irã	Refinaria Sitra (Bahrein)	Infraestrutura de refino	Atingida (strike intencional)
Irã	Refinaria Kuwait	Infraestrutura de refino	Atingida
Irã	Base Akrotiri (UK/Chipre)	Base militar britânica	Drone – danos limitados
Irã	Portos Duqm/Salalah (Omã)	Rotas alternativas ao Estreito	Tanques de combustível danificados

Em 5 de março, o Irã havia disparado mais de 500 mísseis balísticos e aproximadamente 2.000 drones desde o início do conflito. No décimo dia, o volume de ataques havia caído mais de 90%, indicando exaustão de estoque e fragmentação do comando e controle iraniano. O IDF estimou 3.000 a 4.000 militares iranianos mortos; a ONG Hengaw elevou essa estimativa para 5.300+ em 18 de março.

Energia

Esta é a questão central para os mercados. **O Estreito de Ormuz carregava, em condições normais, aproximadamente 20 milhões de barris de petróleo por dia (mbpd), cerca de 20% do consumo global, e 112 bilhões de metros cúbicos de GNL por ano (20% do comércio mundial de gás liquefeito).** Desde 4 de março, esse fluxo despencou. Não por bloqueio físico total, mas porque seguradoras, armadores e operadores simplesmente retiraram seus navios: prêmios de seguro de guerra inviabilizaram o trânsito econômico para a maioria.

País	Instalação	Tipo de Ativo	Capacidade Normal	Status / Impacto
Qatar	Ras Laffan	LNG + Refinery	77 mtpa LNG (maior terminal do mundo)	Force majeure Qatar Energy – exportações bloqueadas
Irã	South Pars (cluster)	Campo de gás offshore	~230 bcm/ano	Paralisado – zonas de combate
Bahrein	Bahrain Sitra Refinery	Refinery	267 mbpd	Atingida por míssil iraniano
Qatar	Pearl GTL	Gas-to-liquid	140 mbpd equivalente	Paralisado por insegurança
Irã	Tehran Refinery	Refinery	360 mbpd	Afetada por ataques em Teerã
UAE	Shah gas	Campo gás onshore	1 bcf/dia	Operação reduzida
Irã	Shahran / Dolati / Shahr-e Rey	Depósitos petróleo	Múltiplos terminais	Destruídos (ataques israelenses)
Iraque	Lanaz Refinery	Refinery	150 mbpd	Reduzida (insegurança regional)
UAE	Ruwais Refinery	Refinery	837 mbpd	Operação reduzida
UAE	Bab & Habshan	Campo prod. + processamento gás	~1,7 mbpd petróleo	Parcialmente afetado
Israel	Haifa Refinery	Refinery	197 mbpd	Paralisada (ataques iranianos)

A tabela acima consolida as principais instalações impactadas (fonte: Rystad Energy + dados abertos, março 2026). A tabela a seguir mostra o balanço de oferta-demanda global:

Fonte de Disrupção	Volume (mbpd)	% Demanda Global (~105 mbpd)
Fluxo normal pelo Estreito de Ormuz	20,0	19%
Corte na produção do Golfo (est. 12/mar)	10,0	9,5%
Fluxo interrompido – chegando ao mercado	14-16	13-15%
Capacidade alternativa (pipelines)	2,6-5,5	2,5-5%
Reservas estratégicas IEA liberadas	400 mb total (≈ 4 dias)	< 0,4% do ano
LNG bloqueado (Ormuz)	112 bcm/ano (20% global)	—

Em perspectiva: a produção coletiva do Golfo caiu ao menos 10 mbpd desde 12 de março, representando ~9,5% da demanda diária global. O fluxo interrompido que não está chegando ao mercado (14-16 mbpd) equivale a 13-15% do consumo diário. **A IEA classificou este episódio como 'a maior disrupção de fornecimento da história do mercado global de petróleo'. Mais grave que 1973. Mais grave que 1990.**

As alternativas existem, mas são muito limitadas: o pipeline Leste-Oeste saudita e o Abu Dhabi Crude Oil Pipeline juntos têm capacidade de apenas 2,6-5,5 mbpd, uma fração dos 20 mbpd do Estreito. A IEA liberou 400 milhões de barris de reservas estratégicas, mas isso cobre menos de 4 dias de consumo global no ritmo normal do Estreito. **No mercado de GNL, as alternativas são ainda piores: não há capacidade ociosa para absorver a perda do Qatar.**

A ameaça nuclear

A resposta honesta: gravemente danificado, mas não eliminado. Fordow, Natanz e Isfahan foram largamente destruídos na Guerra dos 12 Dias (jun/2025) e nos ataques de 2026. O IAEA confirmou danos 'catastróficos' em Fordow. A Comissão de Energia Atômica de Israel avaliou que Fordow ficou 'inoperável' e o programa foi 'recuado por vários anos'. O Pentágono falou em retrocesso de 1 a 2 anos 'mais próximo de 2'.

Mas há um problema crítico: os aproximadamente 400 kg de urânio enriquecido a 60%, matéria-prima suficiente para 9 ogivas nucleares, segundo o IAEA, permanecem sem localização verificável. Provavelmente enterrados nos escombros de Fordow e Isfahan, ou movidos antes dos ataques. O IAEA perdeu acesso às instalações e o parlamento iraniano suspendeu toda cooperação com o organismo.

Além disso, a construção em 'Pickaxe Mountain' (Kuh-e Kolang Gaz La), ao sul de Natanz, continuava a pleno vapor até os ataques de fevereiro: a instalação está sendo escavada a 80-100 metros de profundidade em granito, abaixo do alcance das bombas GBU-57 americanas. Em Parchin/Taleghan 2, sítio de testes de explosivos para weaponização, a construção foi identificada e atacada em fev/2026, mas o dano total é incerto.

Conclusão: o programa nuclear iraniano foi severamente degradado, mas não destruído. O conhecimento científico sobreviveu. O urânio enriquecido pode ter sobrevivido. E a vontade política iraniana de reconstruir é inequívoca, Teerã vem endurecendo e cavando mais fundo desde junho de 2025.

A guerra assimétrica

Esta é a pergunta de um bilhão de dólares, ou melhor, de um bilhão de barris. O Irã sabe que não pode vencer uma guerra convencional contra os EUA. Mas o Estreito de Ormuz é a arma perfeita para a guerra assimétrica: estreito (34 km no ponto mais estreito), coberto por artilharia costeira iraniana, drones, mísseis anti-navio, minas marítimas e dezenas de lanchas rápidas do IRGC Navy. Mesmo sem capacidade de fechar por completo o Estreito, a ameaça é suficiente para espantar seguradoras e armadores. Um tanker atingido por um drone, mesmo sem afundar, eleva os prêmios de seguro a níveis proibitivos.

Os números mostram desgaste: o volume de ataques de mísseis caiu 90% no décimo dia. O IDF estima que 75% dos lançadores de mísseis iranianos e 85% dos sistemas de defesa antiaérea (SAMs) foram destruídos. A superioridade aérea americano-israelense foi avassaladora nos primeiros dias.

Mas o Irã está sendo seletivo: em 13 de março, aprovou passagem de navios chineses, indianos e turcos. Em 16 de março, um navio paquistanês cruzou com permissão iraniana. Um navio chegou a pagar US\$ 2 milhões para usar o canal iraniano.

A mensagem é clara: Teerã quer controlar quem passa, não fechar para todos. É uma arma geopolítica, não um suicídio econômico. A questão é: por quanto tempo o Irã consegue sustentar essa postura diante de uma economia já fragilizada por sanções e protestos internos?

Nenhum dos dois entrou diretamente no conflito. Mas nenhum dos dois é neutro. A Rússia está fornecendo ao Irã inteligência de satélite com as localizações de navios e aeronaves americanas no Golfo, confirmado por três agências americanas ao Washington Post. Zelensky afirma que Moscou também estaria reexportando drones Shahed para uso iraniano contra EUA e Israel. Putin negou a Trump por telefone. Trump respondeu: 'Eu acho que ele pode estar ajudando um pouco, sim.'

Enquanto isso, a Rússia lançou uma ofensiva de primavera na Ucrânia, aproveitando o foco americano no Oriente Médio. E recebe um bônus inesperado: seu orçamento federal foi calculado com petróleo a ~US\$ 60/barril. Com Brent a US\$ 100-120, o Kremlin ganhou um presente de dezenas de bilhões de dólares, capital para sustentar a guerra na Europa.

A China é mais cautelosa, e mais calculista. Forneceu ao Irã o sistema de navegação BeiDou-3 (alternativa criptografada ao GPS americano), o radar anti-stealth YLC-8B e possivelmente inteligência de satélite. Mas a China depende do Golfo para ~33% de seu petróleo, tem reservas estratégicas de ~1,3 bilhão de barris (alguns meses de importação) e está pressionando Teerã a autorizar passagem de navios chineses, o que o Irã tem feito seletivamente. A inteligência americana sugere que Pequim se prepara para fornecer assistência financeira, peças sobressalentes e componentes de mísseis ao Irã, mas ainda não o fez abertamente. O resultado estratégico mais duradouro pode não ser nuclear: é o fortalecimento da aliança Rússia-China, exatamente o que os EUA há décadas tentaram evitar.

A tragédia europeia

A Europa condenou as strikes americano-israelenses, mas de forma fraturada. Macron foi o mais crítico ('não aprovamos ações fora do direito internacional'); Alemanha e UK condenaram os ataques de retaliação iranianos e apoiaram o argumento antiproliferação nuclear. O UK autorizou o uso das bases de Diego Garcia e RAF Fairford pelos EUA para operações 'limitadas e defensivas', mas não participou militarmente.

O impacto econômico europeu é significativo: países como Lituânia, Grécia e Polônia dependem do Estreito para 40-45% de suas importações de petróleo. Espanha, Itália, França e Holanda respondem por 10-13% das importações via Ormuz. No inverno de 2022-23, a Europa substituiu gás russo por GNL do Qatar, exatamente o GNL que hoje está bloqueado. No cenário de conflito prolongado (meses), o BCE provavelmente terá que elevar juros ao invés de cortá-los, e a Zona do Euro enfrenta risco real de contração no 2T26, segundo a Chatham House.

Ativos Financeiros e Commodities

Ativo / Indicador	Antes (27/fev)	Pico (meados mar)	Status Atual (26/mar)
Brent (petróleo)	US\$ 71/barril	US\$ 126/barril	~US\$ 103/barril
S&P 500	6.817	6.506 (20/mar)	Volatilidade elevada
Ibovespa	~182.000	~176.219 (21/mar)	Risco político + guerra
Ouro	~US\$ 2.850/oz	~US\$ 3.100/oz	Alta: harbor seguro
GNL Europeu (TTF)	~€28/MWh	Picos acima de €60	Prêmio de risco persistente
Inflação Global (estimativa)	2,5-3%	+1,5-3,5 p.p. adicional	Depende da duração
Fertilizantes (DAP)	US\$ 600/t	US\$ 800-900/t (estimativa)	Em alta por rota Hormuz
Petrobras (PETR4)	—	Queda de 2,37% em dia de Brent alto	Risco político comprime múltiplo

O Brent saltou de US\$ 71 (27/fev) para o pico de US\$ 126/barril em meados de março, alta de 77% em menos de três semanas. O S&P 500 recuou ~4,55% de 3 a 20 de março. **O cenário de estagflação voltou ao vocabulário dos economistas.**

O FMI estimou que cada 10% de alta nos preços de energia adiciona ~0,5 p.p. de inflação global. Com um choque de 40-70%, estamos falando de 2-3,5 p.p. adicionais de inflação, suficiente para paralisar os ciclos de corte de juros do Fed e do BCE. Goldman Sachs prevê gasolina a US\$ 4,30-4,50/galão nos EUA. O cenário base da ABN AMRO é Brent médio de US\$ 100/barril no 1S26, recuando a ~US\$ 80 no final do ano.

E o Brasil?

O Brasil é um caso único nesse conflito: ao mesmo tempo exportador de petróleo (potencial benefício) e altamente vulnerável a fertilizantes e intervenção política (risco real e imediato).

Do lado positivo, o Brasil é o 7º maior produtor mundial de petróleo (~3,8 mbpd), exporta petróleo pesado referenciado ao Brent, e a Petrobras captura diretamente o upside de preços maiores. Em tese, um Brent a US\$ 120 deveria ser ótimo para o balanço da empresa e para as receitas de royalties do governo.

Mas aqui entra a intervenção política. Com o Brent acima de US\$ 110-120, o governo está subsidiando diesel abaixo do preço de paridade internacional, discutindo a reestatização da Refinaria de Mataripe, e um conjunto de MPs que sinalizam retorno à política intervencionista de preços. Em 21 de março, o Ibovespa caiu 2,25%, com a Petrobras caindo 2,37% apesar do petróleo em alta, risco político superando tailwind de commodities. **É o sinal mais claro de que o mercado está precificando não o petróleo, mas a governança corporativa da maior empresa do índice.**

O ponto mais preocupante para o Brasil, porém, é outro: fertilizantes. **O Brasil é o maior importador mundial de fertilizantes, dependendo de importações para ~80% de seu consumo, com quase metade dessa importação transitando pelo Estreito de Ormuz.** Uma crise prolongada pode elevar os custos dos insumos agrícolas em 30-50%, ameaçando a lucratividade do agronegócio, o motor da economia brasileira, e pressionando o IPCA pela via de alimentos.

No câmbio, o Real enfrenta pressão dupla: de um lado, commodities altas (favoráveis ao exportador); de outro, aversão ao risco global e incerteza nos emergentes (favorável ao dólar). Para a política monetária, o BCB havia iniciado um ciclo de corte da Selic, mas a inflação importada via energia e fertilizantes pode forçar uma pausa precoce ou até uma reversão do ciclo. **Os 'juros altos por mais tempo' que os países desenvolvidos temiam agora também rondam o Brasil.**


O Brasil importa 30% do diesel consumido e 10% da gasolina, logo, temos uma situação delicada, especialmente no diesel. O presidente Lula terá uma verdadeira escolha de Sofia, dado que já estamos com preços bem defasados do mercado internacional. Na média defasagem de 52% no diesel e de 37% na gasolina.

ACOMPANHAMENTO DIÁRIO 26/03/26		PETROBRAS					ACELEN
		Itaqui	Suape	Paulínia	Araucária	Itacoatiara	Aratu
Óleo Diesel A	Preço (R\$/L)	3,5460	3,5189	3,6826	3,6538	3,6547	6,0021
	PPI (R\$/L)	5,7380	5,7380	6,0806	6,0392	5,7547	5,8227
	Defasagem (R\$/L)	-2,1920	-2,2191	-2,3980	-2,3854	-2,1000	0,1794
	% Defasado	-62%	-63%	-65%	-65%	-57%	3%
Gasolina A	Preço (R\$/L)	2,4503	2,4676	2,5808	2,5409	2,5458	3,9729
	PPI (R\$/L)	3,5390	3,5390	3,9113	3,8699	3,5557	3,6237
	Defasagem (R\$/L)	-1,0887	-1,0714	-1,3305	-1,3290	-1,0099	0,3492
	% Defasado	-44%	-43%	-52%	-52%	-40%	9%


*Defasagem Média Petrobras considera os 5 polos Petrobras e não inclui Aratu (Acelen)
 **Defasagem Média nos Principais Polos, considerando os 6 polos acima

DEFASAGEM MÉDIA NOS POLOS PETROBRAS*				
26/03/26	Média (%)	Média (R\$/L)	Máxima (R\$/L)	Mínima (R\$/L)
Óleo Diesel A	-63%	-2,26	-2,40	-2,10
Gasolina A	-46%	-1,17	-1,33	-1,01

DEFASAGEM MÉDIA NOS PRINCIPAIS POLOS**				
26/03/26	Média (%)	Média (R\$/L)	Máxima (R\$/L)	Mínima (R\$/L)
Óleo Diesel A	-52%	-1,85	-2,40	0,18
Gasolina A	-37%	-0,91	-1,33	0,35



Abicom
ABICOM - PPI



StoneX
ENERGIA

PPI desenvolvido e atualizado em parceria e dados da StoneX Brasil

As opções de Lula são 3

- a) Aumentar os preços para a paridade internacional, garante abastecimento, porém ganha inflação e uma greve dos caminhoneiros
- b) Deixar os preços onde estão, deixa os caminhoneiros felizes, porém ganha um desabastecimento.
- c) Usar a Petrobrás, compra caro e vende barato, com isso ele garante o abastecimento, deixa os caminhoneiros felizes, mantém inflação baixa, porém sangra o caixa da empresa em até R\$ 20 bilhões por mês, a depender da defasagem

Visão TAG

Vivemos o maior choque de oferta energética da história moderna. A história mostra que choques assim têm duas fases: o spike de pânico e a normalização. A questão é o timing da segunda fase.

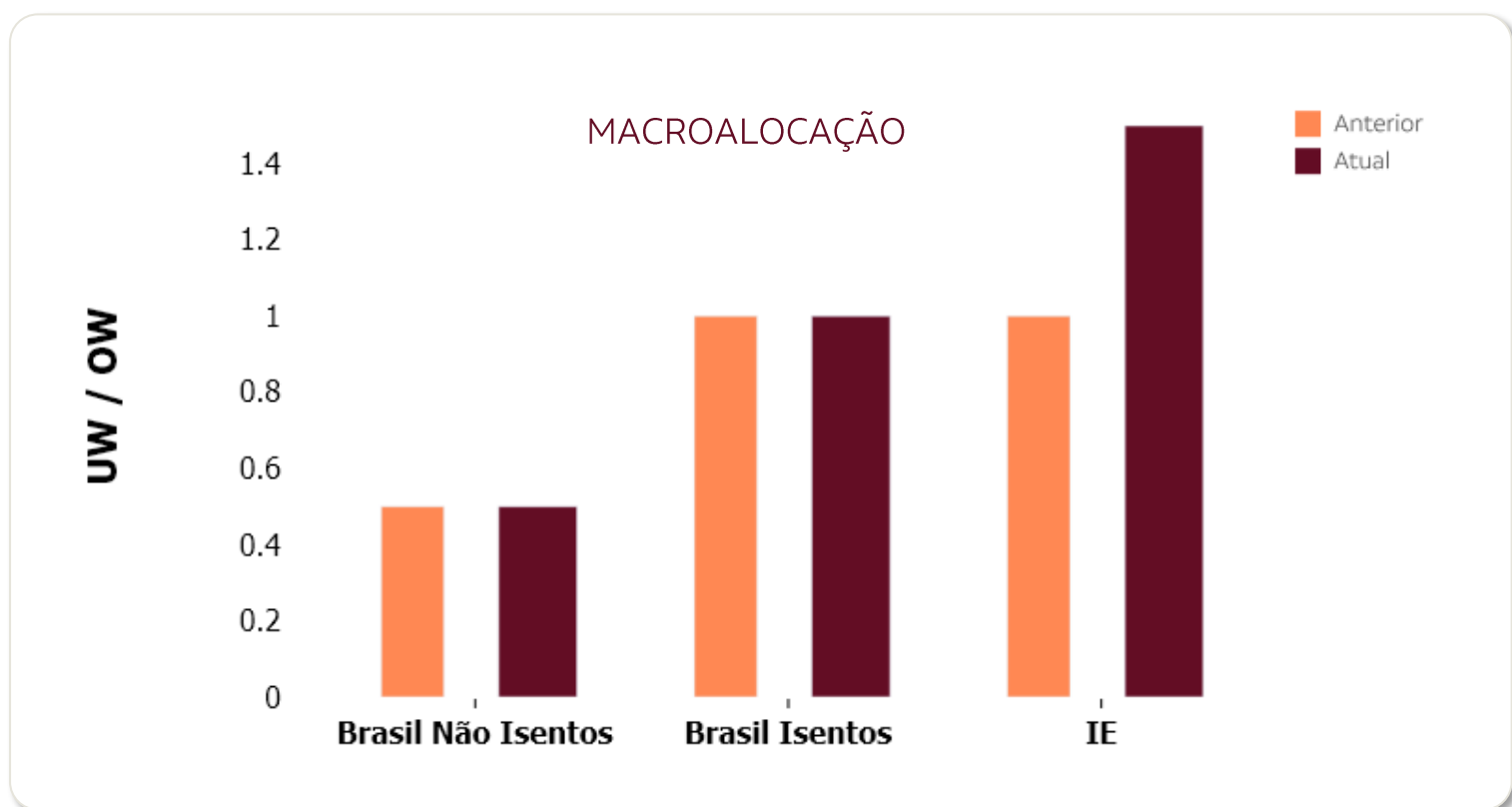
Nosso cenário-base: conflito com alguma forma de cessar-fogo ou abertura parcial de Ormuz dentro de 2 a 4 meses, com Brent oscilando entre US\$ 80 e US\$ 120/barril pelo restante de 2026. **Porém, é um cenário com uma cauda negativa bem gorda, além do timing do fim do conflito, tem a questão de danos permanentes à estrutura de produção, como já tivemos na questão do gás do Qatar.**

No Brasil, mantemos exposição à renda fixa IPCA+ de duração intermediária (proteção contra inflação importada), posição defensiva em ações (cautela com Petrobras pelo risco político, atenção ao agronegócio pela questão dos fertilizantes), e cautela com duration em pré-fixados dado o risco de inflação surpresa. Um cenário que demanda cautela e conservadorismo, ainda mais quando somamos os problemas de crédito no mercado doméstico.

Globalmente, os setores de energia (integrados internacionais, GNL, infraestrutura alternativa), materiais, defesa e ouro tendem a superar. Tecnologia e consumo discricionário seguem pressionados. Em renda fixa global, Treasuries curtos e TIPS (títulos atrelados à inflação) são uma proteção; no lado longo da curva, o risco inflacionário cria incerteza significativa de curto prazo, **porém o cenário atual é detrimental para crescimento, como o FED tem mandato duplo (inflação e crescimento) a resultante disso pode ser uma redução de juros, ainda mais com a pressão política vindo de Trump.**

O mundo mudou em 28 de fevereiro de 2026. **Não sabemos quando Ormuz volta ao normal, não sabemos se o programa nuclear iraniano ressuscitará em nova caverna mais profunda, não sabemos se a aliança Rússia-China se tornará mais operacional. O que sabemos é que a ordem energética global, relativamente estável desde 2022, entrou em uma nova era de volatilidade estrutural. Nossa missão continua a mesma: proteger e fazer crescer o patrimônio de nossos clientes nesse ambiente, com informação de qualidade, análise rigorosa e cabeça fria.**

Termômetro de Alocação



O radar "Macroalocação" da TAG é o primeiro passo da equipe de Gestão no desenvolvimento das Carteiras Modelo TAG. Esse painel busca refletir a nossa convicção em 3 "áreas" de investimento: ativos brasileiros isentos da tributação de Imposto de Renda (ex. debêntures incentivadas, CRAs, CRIs, LCIs, e LCAs, entre outros), ativos brasileiros não-isentos, e ativos de Investimento no Exterior.

ALOCAÇÃO ESTRATÉGICA

INCLINAÇÃO

HITÓRICO DE ALOCAÇÃO DE RISCO DE RISCO

ACÇÕES



RENDA FIXA



CRÉDITO



FX



ALTERNATIVOS



Glossário

Termômetro de Alocação

Inclinação

Cada painel da série "Inclinação" reflete as perspectivas TAG sobre uma certa classe de ativos e suas componentes. Em nossa construção de cenário, dividimos o universo em 5 classes: Ações, Juros, Crédito, FX (ie. Moedas/Câmbio e Ouro), e Alternativos (ie. Ilíquidos, Imobiliário, e outros).

Dentro de cada classe, vamos além, e segmentamos o universo TAG em um segundo nível.

- Para Ações, temos 5 países/regiões: Brasil, Estados Unidos, Europa, China, e Países Emergentes (ie. ex-China e ex-Brasil).
- Para "Ações", onde antes tínhamos 5 países/regiões discriminados - "Brasil", "Estados Unidos", "Europa", "China", e "Países Emergentes" (ie. ex-China e ex-Brasil) - hoje, temos "Brasil", "DMs" (ie. Developed Markets, que contempla as nossas perspectivas para os EUA e Europa, entre outros países desenvolvidos), e "EMs (ex-Brasil)" (ie. Emerging Markets, que reflete a nossa visão sobre países em desenvolvimento como China e outros, exceto Brasil).
- Em "Renda Fixa" - a popular classe de Juros - nos guiamos por ativos "Pós" e "Pré" (ie. ativos Brasil pós-fixados e pré-fixados), além de títulos atrelados ao IPCA, e "Global Soberanos" (ie. renda fixa e títulos de dívida soberana ex-Brasil).
- Quanto à parcela de Crédito, dividimos da seguinte forma: ativos brasileiros High Grade e High Yield, ativos globais Investment Grade e High Yield (ie. onde o foco são os papéis de regiões desenvolvidas, os DMs), e os "Global EMs (ex-Brasil)" (ie. ativos de Crédito de países emergentes).
- Em FX, pontuamos as nossas perspectivas para a apreciação/depreciação de alguns pares/moedas. Onde antes discriminamos essas perspectivas como Dólar, Euro, Ouro, e Real, hoje resolvemos pontuar os pares que olhamos diretamente de forma explícita: "USD/DXY" (ie. a DXY é uma cesta de moedas globais, na qual balizamos as nossas perspectivas para o Dólar), "USD/EUR", "BRL/USD", "Ouro/USD".



TAG

INVESTIMENTOS

Este material não deve ser considerado como material de venda ou divulgação, e pode ser usado para simular resultados futuros com base em informações passadas, sem qualquer garantia de que os resultados simulados serão obtidos ao longo do tempo.

